

O fôruo ódio do capitalismo às oito horas de trabalho

O comércio, ou melhor, o patronato nunca pôde levar à paciência que os trabalhadores, à força de sacrifícios ingentes, alcançassem para a sua pretensão de só trabalharem cotidianamente oito horas um triunfo tão grande que o Estado fosse forçado a inscrever essa reivindicação nas suas leis.

Aproveita todos os ensejos para denegrir essa humana regalia que, segundo o seu estreito critério, afeta a economia do país.

Ainda anteontem esse ódio patronal à regalia das oito horas de trabalho explodiu numa reunião da Associação Comercial dos Lojistas.

Referiu-se ao caso o *Diário de Notícias* no seu extracto concebido nestes termos:

O sr. Eduardo Maria Rodrigues fez a seguir a leitura dum extenso documento referindo os trabalhos da direcção.

Referiu-se ao conflito com o director geral da pecuária sobre a questão da margaria.

Outro incidente se suscitou com o director geral interino das Alândegas.

Destaca-se nesse documento o encarecimento do custo da vida, nos últimos dois meses.

E atribui-se a causa de tal facto à instabilidade política, ao horário de trabalho e ao aumento das pautas aduaneras.

Quanto ao horário de trabalho diz-se nesse relatório que não pode haver produção que baste; se a mão de obra for diminuta, e não se compreende que o seja num país descalçado e exausto, à beira de um esgotamento diante de todos os produtos indispensáveis à sua vida normal e colectiva.

Entende-se, pois, que se deve abolir o regime nefasto das 8 horas de trabalho, dando a todo o homem a liberdade de produzir o que em suas forças calha, respeitando-se-lhe o salário remunerador, não já no que se refere às suas necessidades, mas ainda em relação ao esforço dispensado.

Estes homens que julgam que as leis de economia política se subordinam às leis do seu interesse particular, entendem que, neste momento em que o trabalho escasseia, não por culpa dos operários mas por erros

das administrações do Estado capitalista, deve ser abolido o regime das oito horas.

E' preciso trabalhar muito — dizem — porque o país luta com a fome. Mas trabalhar muito, segundo o ponto de vista do patronato, é trabalhar muito para ele e não para a colectividade. Acaso o aumento de horas de trabalho solucionaria a crise de trabalho? Não! Apenas sobre-carregaria os que ainda têm trabalho deixando os desempregados na mesma situação afflitiva. Daí resultaria apenas um prejuízo social, visto que a colectividade — quem não é o patronato — sentiria o peso de maiores sacrifícios, seria lesada no trabalho exaustivo de uns e no desemprego de outros.

Nós também somos de opinião de que é preciso trabalhar mais, trabalhar muito. Mas que o trabalho seja distribuído equitativamente por todo o povo trabalhador, única maneira de torná-lo colectivamente aproveitável.

Como, porém, o patronato deseja a intensificação da produção seria uma burla porque longe de aproveitar o país com esse labor excessivo só os patrões em particular lhe sentiriam os benéficos efeitos.

Se houvesse maior largueza de vistas na apreciação destes assuntos económicos e sociais, neste momento de crise, o trabalho seria rataeado por todos, embora diminuisse o número de horas de labor para cada operário. Assim estaria certo.

E o capitalismo é tão tacanho de inteligência que não comprehende que, sendo o operário consumidor ao mesmo tempo que produtor, a sua capacidade de consumo aumentaria se não houvesse desempregados. O seu interesse, portanto, aumentaria na razão inversa da diminuição de operários sem trabalho.

NOTAS & COMENTARIOS

O encanto de uma cidade...

Se não fôsssem os inconvenientes que resultam da atitude dos nossos editores, as suas medidas só nos causariam riso. Todos os dias chegam ao nosso conhecimento factos que provam de uma maneira iniludível possuir-nos uma vereação ideal. Vêm estas considerações a propósito dum caso ocorrido ontem no Beato e que nos foi narrado da forma seguinte:

Os proprietários da Quinta do Duque de Lafões, sita na calcada do mesmo nome, alugaram parte dessa quinta à Câmara, para esta recolher o material do serviço de higiene e do material de incêndios, o que se fez durante uma temporada. Porém ultimamente, por razões que não vêm para o caso, a referida quinta foi vendida à Maternidade Militar. E ontem, sem que a Câmara tivesse tomado uma resolução sobre o destino do material que ali se guardava, os novos proprietários da Quinta do Duque de Lafões apoderaram-se do que lhes pertencia, obrigando a sair o material do serviço de higiene e do serviço de incêndios que ainda ali se encontrava, a pesar de ser notória a venda da quinta.

O material de incêndio ainda pôde recolher-se uns terrenos pertencentes à fábrica Seixas, à rua do Açúcar. Porém o material do serviço de higiene, por não ter onde refugiar-se, ficou exposto ao público e aos risos da população na Calçada do Duque de Lafões e Estrada de Marvila!

E digam-nos agora se não merece a pena viver numa cidade de tão nobres tradições e de tão esplêndida vereação...

Estradas

O sr. Francisco Maria Henriques, um dos engenheiros que representam Portugal no Congresso Internacional das Estradas, concedeu ontem ao jornal A Tarde uma entrevista curiosa através da qual se verifica que a Itália é um dos países mais adiantados na construção dos seus caminhos e que está usando processos de pavimentação que alguns países adiantados, como a Norte América e a Grã-Bretanha, hesitam em adoptar e que outros, como a Alemanha, se apressam a imitar. Acerca de Portugal, nessa magna reunião, ter-se-ia lapurado, evidentemente, que as suas estradas são essencialmente montanhosas — que as fôrmas são muitas e admiradas pelos turistas estrangeiros que nos visitam...

Lamentável discordância

O nosso camarada Emílio Santana, que é um novo chefe de qualidades tão salientes e agradáveis que é próprio as reconhecer, e cujas opiniões nós sempre acatamos como se tombasse dos céus de um mestre, escreve-nos manifestando ainda uma discordância que, basta ser por ele emitida, para ser razoável. Todo o país — que dizemos nós, mímicos vermes? — todo o mundo operário e intelectual conhece Emílio Santana.

O sr. Francisco Maria Henriques, um dos engenheiros que representam Portugal no Congresso Internacional das Estradas, concedeu ontem ao jornal A Tarde uma entrevista curiosa através da qual se verifica que a Itália é um dos países mais adiantados na construção dos seus caminhos e que está usando processos de pavimentação que alguns países adiantados, como a Norte América e a Grã-Bretanha, hesitam em adoptar e que outros, como a Alemanha, se apressam a imitar. Acerca de Portugal, nessa magna reunião, ter-se-ia lapurado, evidentemente, que as suas estradas são essencialmente montanhosas — que as fôrmas são muitas e admiradas pelos turistas estrangeiros que nos visitam...

A ação da Câmara Sindical do Porto contra a carestia da vida

A Comissão de agitação da Câmara Sindical do Porto contra a carestia da vida, a pesar do povo consumidor sacrificado não ter conseguido, como devia, aos apelos que lhe têm sido feitos, nem por isso deixou de continuar persistente na missão de que foi encarregada de levar à prática — agitar a classe trabalhadora contra a exploração do comércio cupidoso, da indústria avara, da agricultura egoísta e da finança rapace.

Assim fiel às resoluções tomadas e sem o menor desfalecimento, resolveu para a semana que vai entrar continuar na série de

publicação semanal. Perante esta inabalável resolução, quedamo-nos todos, nesta excomungada casa, trêmulos e compassados.

Será verdade?

Parce que o novo director das Cadeias está na disposição de proibir as visitas aos presos que se encontram na Penitenciária, regalia que passará a ser concedida uma vez por semana. Não nos queremos convencer da veracidade desta informação — de tal maneira ela se nos afigura absurda.

Quando por todos os países civilizados se está encarando a clausura dos delinqüentes

como um instrumento de desumana tortura, mas apenas como meio de modificar

— sem espírito de vingança — o carácter dos indivíduos que se supõe terem prejudicado a colectividade, essa proibição assumiria

um carácter de antípata, torturante e inutil vindicta contra pessoas que, pelo

facto desventuroso de se encontrarem privadas de liberdade seriam crêadoras de maior comiserânia. A proibição das visitas aos

presos é um processo de castigo que estaria lógico se fosse concebido por um familiar

do Estado Ofício.

Dois simpáticos rapazes

Germinal de Sousa, filho do nosso camarada Manuel Joaquim de Sousa, e Emissário Santa, ambos delegados do Comité Pró-

Presos a uma reunião do Socorro Vermelho para a qual foram convidados, declararam-nos que não estão contentes com uma local publicada no Boletim do Atidado Socorro. Que estejam ou não contentes pouco nos interesses visto A Batalha não se ter imiscuído nas discordâncias ou concordâncias que ambas as partes existam. Mas

como se trata de camaradas diligentes, que desejam o progresso do proletariado, embora por meios que nem sempre os parecem as mais acertados, dividiu alguma temos em nos fazermos eco do seu descontentamento. Dizem, em síntese, que, ao contrário do que referia o Boletim do Socorro Vermelho, pelo qual não têm a menor consideração, qualificaram o atidado Socorro de organismo político; que não reconheceram superior nem útil a sua obra; que o acharam de organização demasiado complicada para a missão a desempenhar. Encontraram ao que parecia mais defeitos que, por deficiências de gramática e de sintaxe do seu apreciável comunicado, tornavam a sua opinião um poncio confusa; mas com a qual, a pesar de tudo e para melhor pacificação dos espíritos, nos permitimos humildemente concordar.

A ação da Câmara Sindical do Porto contra a carestia da vida

A Comissão de agitação da Câmara Sindical do Porto contra a carestia da vida, a pesar do povo consumidor sacrificado

não ter conseguido, como devia, aos

apelos que lhe têm sido feitos, nem por

isso deixou de continuar persistente na

missão de que foi encarregada de levar à

prática — agitar a classe trabalhadora contra a exploração do comércio cupidoso, da

indústria avara, da agricultura egoísta e da

finança rapace.

Assim fiel às resoluções tomadas e sem o

menor desfalecimento, resolveu para a

semana que vai entrar continuar na série de

PODE ENCARECECER O PEIXE?

O armador sr. Sebastião Cristovão diz à "Batalha" que o principal motivo da elevação do preço do peixe reside na falta de um cais acostável que a Câmara Municipal poderia conseguir

— E é por esse motivo que escasseia o peixe?

— Epere, porque ainda não conclui — atalhou na mesma inflexão de voz o nosso entrevistado.

Depois prosseguiu:

— O carregamento de três barcos é insuficiente para o consumo. Logo a escassez tem na falta de um cais a sua razão directa.

— Qual a razão do aqüabarcamento do peixe?

— Também já lá vamos. Não é bem de aqüabarcamento que se trata.

— Como não podem descarregar mais do que três barcos, nos outros que se conservam a largo fica retido o peixe, que na maioria dos casos apodrece. Só poderia considerar-se aqüabarcamento se fosse proposto o gesto dos armadores. Assim não!

— Qual é a solução para o caso?

— O sr. Cristovão convida-nos a subir a uma pequena escada de mão que se apoia num poste erguido naquele cais e depois de feita esta ascensão, diz-nos:

— A Câmara poderia adquirir todo o cais e os barracos que pertencem à Exploração do Pôrto de Lisboa que, o senhor avistou no alto daquela escada, e já seria possível descarregar cinco barcos de peixe, número suficiente para o consumo. Prosseguiu

— Então, o peixe que hoje apodrece ao largo poderia ser descarregado e sobre os armadores já não cairia o labêu de aqüabarcadores.

— Afigura-se-lhe que não haveria aqüabarcamento, criado um cais acostável? — inquiriu o nosso entrevistado.

— Não lhe posso responder. O que lhe digo é que se houvesse aqüabarcamento as autoridades tinham todo o direito de proceder para com os delinqüentes e proceder severamente.

Quisemos depois ouvir a opinião do nosso interlocutor sobre a possibilidade ou não da Câmara aceitar o seu avulto. E o sr. Cristovão com grande calor declarou-nos:

— Sempre que é de utilidade pública para o alargamento de uma ria a demolição dum prédio, a Câmara ordena essa demolição. Logo, sendo de utilidade pública a aquisição daqueles barracos e daquele que não me parece que possa haver outro critério da parte de quem superintende no assunto.

— E a fechar a entrevista:

— Enquanto não se proceder segundo o meu avulto, o público continuará privado do peixe porque não há cais para descarregar todo o que chega. E havendo escassez de peixe, há a concomitante elevação do seu preço.

— Pode mesmo publicar o meu nome, dizer que sou eu que tenho essa opinião, porque eu não me ralo! — concluiu o nosso entrevistado.

— Podemos depois ouvir a opinião do seu interlocutor sobre a possibilidade ou não da Câmara aceitar o seu avulto.

— Sempre que é de utilidade pública para o alargamento de uma ria a demolição dum prédio, a Câmara ordena essa demolição. Logo, sendo de utilidade pública a aquisição daqueles barracos e daquele que não me parece que possa haver outro critério da parte de quem superintende no assunto.

— E a fechar a entrevista:

— Enquanto não se proceder segundo o meu avulto, o público continuará privado do peixe porque não há cais para descarregar todo o que chega. E havendo escassez de peixe, há a concomitante elevação do seu preço.

— Pode mesmo publicar o meu nome, dizer que sou eu que tenho essa opinião, porque eu não me ralo! — concluiu o nosso entrevistado.

— Podemos depois ouvir a opinião do seu interlocutor sobre a possibilidade ou não da Câmara aceitar o seu avulto.

— Sempre que é de utilidade pública para o alargamento de uma ria a demolição dum prédio, a Câmara ordena essa demolição. Logo, sendo de utilidade pública a aquisição daqueles barracos e daquele que não me parece que possa haver outro critério da parte de quem superintende no assunto.

— E a fechar a entrevista:

— Enquanto não se proceder segundo o meu avulto, o público continuará privado do peixe porque não há cais para descarregar todo o que chega. E havendo escassez de peixe, há a concomitante elevação do seu preço.

— Pode mesmo publicar o meu nome, dizer que sou eu que tenho essa opinião, porque eu não me ralo! — concluiu o nosso entrevistado.

— Podemos depois ouvir a opinião do seu interlocutor sobre a possibilidade ou não da Câmara aceitar o seu avulto.

— Sempre que é de utilidade pública para o alargamento de uma ria a demolição dum prédio, a Câmara ordena essa demolição. Logo, sendo de utilidade pública a aquisição daqueles barracos e daquele que não me parece que possa haver outro critério da parte de quem superintende no assunto.

— E a fechar a entrevista:

— Enquanto não se proceder segundo o meu avulto, o público continuará privado do peixe porque não há cais para descarregar todo o que chega. E havendo escassez de peixe, há a concomitante elevação do seu preço.

— Pode mesmo publicar o meu nome, dizer que sou eu que tenho essa opinião, porque eu não me ralo! — concluiu o nosso entrevistado.

— Podemos depois ouvir a opinião do seu interlocutor sobre a possibilidade ou não da Câmara aceitar o seu avulto.

— Sempre que é de utilidade pública para o alargamento de uma ria a demolição dum prédio, a Câmara ordena essa demolição. Logo, sendo de utilidade pública a aquisição daqueles barracos e daquele que não me parece que possa haver outro critério da parte de quem superintende no assunto.

— E a fechar a entrevista:

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

A Federação Metalúrgica entregou ao ministro do Comércio uma interessante representação, advogando várias medidas para a solução da crise

A Federação Metalúrgica, por intermédio do seu Conselho Técnico, entregou ontem ao engenheiro sr. António Maria Fernandes, secretário do ministro do Comércio e Comunicação, a seguinte representação:

"II.º e Ex.º sr. ministro do Comércio e Comunicações—A Federação Metalúrgica em Portugal, organismo que representa legalmente o operariado metalúrgico organizado em sindicatos, no país, vem perante v. ex.º como o tem vindo desde 1924 perante todos os ministros que têm sobrejacido a pasta do Comércio e Comunicações, apresentar uma sumária de medidas atinentes a aliviar a crise de trabalho, que, não só afecta de uma maneira incisiva o lar dos trabalhadores, como ainda a economia nacional.

Não tem a Federação Metalúrgica em Portugal, a pretensão de forçar v. ex.º a que de momento, resolva assuntos que reputamos tão complexos (e são eles os que mencionaremos adiante) mas tão somente e, por agora, se tomem medidas atinentes a tirar da miséria centenas de metalúrgicos que já há longos meses com ela se debatem. Parece-nos tanto mais justa e humana esta pretensão, quanto é certo que a prosperidade de qualquer país se não harmoniza com o estado de desemprego do operariado.

Desta maneira e sem mais preâmbulos que julgamos se tornam desnecessários, posto que, o governo a que v. ex.º pertence alíncar de frente todos os problemas económicos e sociais, passamos a expor a sumária de medidas (como atraímos) que se subdividem em dois capítulos: como sendo, as que são soluções de momento e as que dependem de um estudo mais aturado.

Solução imediata da crise de trabalho na Indústria Metalúrgica

1.º Preferência à indústria nacional de todos os fabricos e reparações de que necessitem os estabelecimentos fabris, bem como os barcos de guerra e mercantes e ainda as locomotivas (especialmente as do Sul e Sueste que têm ido reparar ao estrangeiro. Para a consecução dos objectivos suprimentos ser necessário:

a) Vistoria geral a todas as fábricas e oficinas pelas autoridades competentes, a fim de verificar o estado das máquinas, caldeiras, montagem de linhas de eixos e vários engenhos.

b) Vesteria rigorosamente o casco e as máquinas dos navios mercantes, especialmente a máquina de energia eléctrica e respectiva instalação, o que não tem sido feito até hoje.

2.º Legislar imediatamente para que, absolutamente todos os edifícios possuam escadas de salvamento, construção esta de fácil passagem e solidez; assim como os indispensáveis resguardos, vigamentos e toda a ferragem respeitante ao edifício; incluindo uma perfeita canalização e instalação eléctrica.

3.º Construção de mercados e reparação dos já existentes.

4.º Construção de lavadouros públicos com estética, cuja falta se faz sentir em todo o país.

5.º Reparação imediata das duas pontes sobre o rio Douro. A denominada ponte de D. Maria por onde passa o comboio não oferece a devida segurança como o domínio público. A outra, denominada D. Luís que possui dois taboleiros (superior e inferior) encontra-se num estado verdadeiramente lastimoso sendo perigosa a passagem pelos passeios dos taboleiros inferior por se encontrarem totalmente podres e cheios de buracos. Gradeamento da beira do Douro a exemplo do que possuíram em tempos, evitando assim constantes desastres tais como quedas de carros de bois, automóveis e carros eléctricos ao rio, casos que com fre-

res da selvática façanha. O nosso propósito é, simplesmente, demonstrar a inanidade das estúpidas leis burguesas, por que se regem as actuais sociedades, e arrancar aos bandoleiros que pretendem passar na vida por honestos, a máscara da hipocrisia, para que o público fique conhecendo os seus instintos perversos e contra elas proteja, de futuro, suas filhas.

Nós cá ficamos convencidos de que cumprimos uma vez mais a nossa missão de defensores do Povo, a que pertencemos e por quem lutamos, contra a ferocidade e a hipocrisia duma casta privilegiada, que, através dos séculos, tem vindo espesinhando e reduzindo a escravos os que ultimamente trabalham.

Bento Luís de Moura, pai da vítima, pede-nos que rectifiquemos o seguinte: a alema a que se referia na entrevista que nos concedeu, não é, como afirmávamos, dama de companhia da sr. Celeste Mendes, mas sim preceptor dos filhos do irmão desta senhora, o visconde de Montargil.—C.

* * *

Bento Luís de Moura, pai da vítima, pede-nos que rectifiquemos o seguinte: a alema a que se referia na entrevista que nos concedeu, não é, como afirmávamos, dama de companhia da sr. Celeste Mendes, mas sim preceptor dos filhos do irmão desta senhora, o visconde de Montargil.—C.

Lede o Suplemento de A BATALHA

TIVOLI

Telefone 2.5474

As 21 horas

PENULTIMA EXIBIÇÃO

MATE!

Drama de Roger Llion, com o eminente trágico japonês Sessue Hayakawa e Huguette Tullus, Maxuian e o pequeno Maurice Sigrist

Pela Porta de Serviço

Deliciosa comédia pela célebre Mary Pickford

UMA CINE-FARÇA

REVISTA MUNDIAL

Amanhã—Matinée às 3 horas

Em auxílio de "A Batalha"

Transporte	8.812\$46
Manuel Pereira	10\$00
Percentagem dumha récita no N. Juventude Sindicista de Portugal	15\$00
Claudio dos Santos	5\$00
H. J. D. P.	25\$00
A. A. Mendes	5\$00
Abilio Jaime Barreiro, cofa de Outubro a Dezembro	7\$50
M. C. S.	5\$00
João A. C. Valente, Brasil	100\$00
José Bernardo	25\$00
Joaquim Canha	58\$20
A. V. P.	25\$00
José Bernardo	25\$00
Produto dum espetáculo no São da C. Civil em 30 de Agosto. Anônimo.	421\$85
Um grupo de camaradas do Pessoal de câmaras:	896\$00
Angelo Luís Augusto	5\$00
Pessoal de Mantimentos	5\$00
José Vidal	25\$00
Manuel Celestino Graça	25\$00
Francisco Diogo Andrade	5\$00
João Alves	5\$00
José de Campos	25\$00
Quete aberta entre o pessoal do Hospital Geral de Santo António do Porto:	160
Albino Vilela	10\$00
Ismail C. da Silva	10\$00
Augusto P. Nunes	5\$00
José António de Oliveira	15\$00
Frederico Santos Vergueiro	15\$00
Joaquim Costa	5\$00
Afonso de Paiva	25\$00
Adelino F. Lopes	25\$00
João B. Almeida Mendes	15\$00
Albertino Pereira	25\$00
Fernandes L. Leite	15\$00
Anônimo	15\$00
José M. da Silva	5\$00
Carlos José Leite	15\$00
Júlio A. Russo	5\$00
Manuel André Pinto	15\$00
Carlos Mendes	5\$00
Paulino de Azevedo	15\$00
Felizardo Barbosa	15\$00
José Teixeira	5\$00
Alexandrina R. de Figueiredo	15\$00
Bernardo F. de Araújo Sá	25\$00
Augusto Pires Cardoso	15\$00
António A. Lobão	15\$00
Manuel F. de Araújo	15\$00
Francisco Magalhães	5\$00
Soures Correia	5\$00
Vicente de Paulo	5\$00
Maria A. de Morais	25\$00
Clara Amaral	25\$00
Artur Mendes	25\$00
Forcina de Oliveira	15\$00
José D. Monteiro	15\$00
Maria Veiga	15\$00
Albano de Magalhães	15\$00
Manuel Alves Morais	15\$00
Joaquim Magalhães	5\$00
Alfredo da Silva	15\$00
Domingos Teixeira	5\$00
José Ferreira	15\$00
Manuel Tavares de Almeida	15\$00
Quete aberta em Beja:	10.589\$81
Caetano José Pires	5\$00
Gonçalves Correia	10\$00
Mário Gomes J.	25\$00
Firmiano Lopes	25\$00
Francisco Costa	25\$00
José da Graça	15\$00
José Carlos	25\$00
José Naiá	25\$00
Manuel Gonçalves	5\$00
José Maneta	25\$00
Luis Mauricio	15\$00
J. G. Cambado	25\$00
Francisco Ferreira	15\$00
Manuel Brito	15\$00
António Castilho	15\$00
Manuel Venâncio	5\$00
Francisco Graciano	25\$00
Marcelino Gonçalves	5\$00
José da Felicita	15\$00
Rosa Bernardo Pires	5\$00
Liberdade Vieira Pires	5\$00
Em favor de uma escola	5\$00
Expedição:	11.500
Joaquim da Silva	11.500
Luis Leite	11.500
António Dias	45.500
José Maria	45.500
Horácio Cruz	45.500
Pedro Soares	35.500
João Belo	45.500
João Martos	65.500
Luis Leite	65.500
Manuel da Silva	65.500
Suplemento:	5.500
Adriano Vilar	37.500
Alexandre Rosado	37.500
Lluia M. Araújo	37.500
M. Domingues	20.500
A transportar.	10.589\$81

Quete aberta em Eaubonne (em francos):	
A. Castro	15
Carlos Ferreira	10
Alvaro Dias	10
Manuel de Pinho	15
César Moreira	15
José Alves da Rocha	15
Serafim Castro	10
José Dias Moreira	5
Joaquim Ribeiro	2
António Coelho	5
Avelino da Silva	5
Quintino Carvalho da Costa	5
Joaquim Dias	10
Joaquim Vieira	10
Joaquim Ferreira	5
Ferreira Fernande	5
Manuel Pereira Jóia	2
Soares António	2
Ricardo Maria Gonçalves	5
Joaquim Fernandes	5
Inocêncio Suengo	2
Total.	160
Ao câmbio renderam.	896\$00
Quete aberta por Alfredo de Sousa delegado ao Conselho de Secções da C. Civil.	5.500
Eduardo Sousa	25\$00
Eduardo Javares	25\$00
H. P. S.	25\$00
Joaquim Inácio	15\$00
Maria Leão	15\$00
Dulvina Leão	15\$00
Ligia Leão	15\$00
Arminda Sousa	15\$00
Adelmo Ribeiro	15\$00
Joaquim Lapa	15\$00
Gonçalves	15\$00
Vasconcelos	15\$00
Pessoal de "A Batalha".	160
Redacção:	32.500
Mário Domingues	25.500
Alfredo Marques	25.500
Cristiano Lima	25.500
David da Carvalho	25.500
José Horto	25.500
Administradoras:	30.500
M. Figueiredo	25.500
Augusto Machado	22.500
Eduardo Jorge	20.500
Joaquim Madeira	20.500
Arnaldo Cristo	20.500
Alexandre Assis	12.500
Composição:	32.500
Carlos José de Sousa	28.500
M. Figueiredo	25.500
Augusto Machado	22.500
Eduardo Jorge	20.500
Joaquim Madeira	20.500
Arnaldo Cristo	20.500
Alexandre Assis	12.500
Expedição:	32.500
Joaquim da Silva	11.500
Luis Leite	11.500
António Dias	4.500
José Maria	4.500
Horácio Cruz	4.500
Pedro Soares	3.500
João Belo	4.500
João Martos	4.500
Luis Leite	6.500
Manuel da Silva	6.500
José Maria	5.500
Suplemento:	37.500
Adriano Vilar	37.500
Alexandre Rosado	37.500
Lluia M. Araújo	37.500
M. Domingues	20.500
A transportar.	10.589\$81

SOLIDARIEDADE

Pró-Joaquim Bastos

Realiza-se hoje pelas 21 horas, no Salão da Construção Civil, uma grande festa em auxílio da companheira e filhos de Joaquim Bastos que se encontra preso há mais de 4 meses, com o seguinte programa:

1.ª parte: A representação do drama em 3 actos "Má Sina"; 2.ª parte: Grandioso acto de variedades

CAMBIOS		
Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	94\$75	
Madrid cheque	3\$01	
Paris, cheque	55\$5	
Suíça	378\$5	
Bruxelas cheque	55\$5	
New-York	195\$8	
Amsterdam	75\$8	
Itália, cheque	57\$5	
Brasil	257\$5	
Praga	55\$8	
Suécia, cheque	52\$4	
Austria, cheque	257\$7	
Berlim	456\$7	

Caminhos de Ferro do Estado DIRECÇÃO DO SUL E SUESTE

Serviço de Armazens Gerais
Concurso para a adjudicação da compra de fio de cobre eletrolítico

ANÚNCIO

Pelo presente anúncio se faz público que no dia 30 do corrente mês de Outubro, pelas 13 horas, na sede da Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, rua de S. Mamede, n.º 63, Lisboa, se fará de proceder a concurso público para a adjudicação da compra de 5.000 quilos de fio de cobre eletrolítico.

Para ser admitido à licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das Tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até às 13 horas do último dia útil anterior ao do concurso o depósito de 1.500\$00.

O concorrente a quem fôr feita a adjudicação terá de reforçar o seu depósito provisório no prazo de oito dias contados da data em que a mesma lhe fôr notificada, com a quantia necessária para prefiger 5% da importância total da mesma adjudicação constituindo, assim, um depósito definitivo que por intermédio da Direcção do Sul e Sueste, será transferido para a Caixa Geral dos Depósitos onde ficará à ordem da mesma Direcção.

Este reforço terá de efectuar-se na mesma Tesouraria em que tiver sido realizado o depósito provisório, devendo na ocasião ser entregue uma folha de papel selado não utilizada.

As propostas serão feitas nos modelos especiais que o Caminho de Ferro fornecerá e só essas poderão ser tomadas em consideração.

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos afixam-se patentes no Serviço de Armazens Gerais, Calçada do Correio Velho, 17, 1.º, Lisboa, e na Direcção do Minho e Douro, Porto, onde podem ser examinados em todos os dias úteis, das 11 às 16 horas.

Lisboa, 1 de Outubro de 1926.—O engenheiro chefe do Serviço de Armazens Gerais, (a) Feio Terenas.

Serviço de Via e Obras

Pelo presente anúncio se faz público que a Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste aceita propostas para o fornecimento de travessas em branco.

As propostas deverão ser entregues em carta fechada, dirigida ao Engenheiro chefe do serviço de Via e Obras, nos escritórios deste serviço no Barreiro, devendo indicar por fora no envelope: «Proposta para o fornecimento de travessas em branco».

As condições do fornecimento estão patentes todos os dias úteis das 11 às 18 horas na Direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, Largo de São Mamede (ao Caldas), 63, Lisboa e nos escritórios do Serviço de Via e Obras no Barreiro.

Todas as propostas serão feitas em papel selado e não serão tidas em consideração quando não estejam rigorosamente dentro das condições acima referidas.

Barreiro, 7 de Outubro de 1926.—Pelo Engenheiro chefe do Serviço de Via e Obras, (a) Júlio José dos Santos.

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA
LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Tabacaria e Kiosque

Policlínica da Rua do Ouro
Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, cirurgia e pulmões—Dr. Armando Narciso A. & S. horns
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilas—2 horas.
Rins, via urinária—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.
Pele, sifilis—Dr. Correia Piqueiredo—11 e 12 horas.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. I. Loffi—2 horas.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Matos—2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mario Oliveira—12 horas.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 horas.
Doenças das membranas—Dr. Emilia Paiva—2 horas.
Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 horas.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—3 horas.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.
Cacto e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.
Raio X—Dr. Alen Saldaña—4 horas.
Analises—Dr. Gabriela Beato—1 hora.

FATOS
A 220\$ feitos por medida em boas casemiras. Recebem-se fatos a feito e furos por 120\$. — ALFAIATARIA DIAS, 84, rua D. Pedro V, 86.

FIGUEIRA DA FOZ
A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firma Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

farão mais querido. Vamos, vamos ao seu encontro.

Ainda não! minha mãe! ainda não, acode João suspendendo-lhe os passos. Resta-me acabar a minha tarefa. Tenho que cumprir uma outra parte da minha missão. Tenho que a preparar para uma outra ventura. Vejo-a já forte para lhe dizer...

O que, meu filho! Oh! acaba; morrerei de ventura!

Sabe quem libertou meu país?

Quem foi? Dize-mo, e essa pessoa será depois de ti, e de meu marido, aquela a quem maior afecto consagrarei.

Foi uma mulher.

Uma mulher!

Intrépida, heróica. No ataque da Bastilha, por entre uma nuvem de balas via-a; e era ela quem, agitando uma bandeira tricolor, arrastava o povo ao combate, fascinando-o com a sua beleza, entusiasmado-o com o seu exemplo. Foi ela quem primeiro atravessou uma frágil ponte volante lançada sobre os fossos da fortaleza, foi ela quem primeiro teve a ideia de libertar os presos, olvidados um tanto na embriaguez do triunfo; foi ela quem libertou meu pai.

— Oh! ama-la-hei como a uma filha.

— É esse o termo próprio; porque essa mulher não lhe é estranha, conhece-a, estima-a, estremece-a...

— Oh! que suspeita! E' minha filha!

— E agora minha mãe, sente-se forte bastante para os vés? Estão aqui perito, em casa do vizinho Jerônimo.

— Oh! que venham!

— Abriu-se a porta. O velho Lebrenn, encostado ao braço de sua filha e do vizinho Jerônimo apareceu no limiar.

Depois dos primeiros momentos concedidos às suas comócos daquela tão inesperada reunião, travou-se a palestra sobre os acontecimentos políticos desse ano, sobre o diverso efeito que a tomada da Bastilha

deveria produzir no ânimo dos tibios e no ânimo dos verdadeiros defensores da causa popular. Entrou depois a conversação em assuntos mais íntimos, e João Lebrenn fez a seu velho pai a confidência do seu amor com Carlota Desmarais. Seu pai ouviu-o, abanando a cabeça com tristeza.

— Agiõ mal dos teus projectos, diz ele enfim; a burguesia tem a sua vaidade como a nobreza, e tanto ódio consagra à classe que lhe fica inferior, como as que lhe ficam superiores. Duvido que esse advogado queira rebaixar-se a ponto de conceder sua filha a um operário.

— Oh! não creia semelhante coisa, meu pai, torna João Lebrenn com ardor, já não há povo e burguesia; o perigo comum ligou essas duas classes. O terceiro estado tem mais luzes e mais opulência do que nós, maior número, e maior força de ação. Estas diversas qualidades enfeixámos-las para o combate. Formámos um corpo único, de que a burguesia é a cabeça e o povo o braço. Grandes progressos se realizaram durante a sua detenção, meu pai.

— Deus o queira. E folgaria muito se esse Desmarais seja um desses burgueses ilustrados e de nobres pensamentos, que estenderiam sempre mão protectora ao povo desprotegido.

— E sim, não o duvide, meu pai. Se soubesse de que atenções e carinhos lhe me rodeia! Com que ardentemente defendia a nossa causa contra as investidas do seu cunhado Humberto!

— Ah! bem vés, meu filho, que na família da tua noiva há quem despreze o povo, quem alimente esses preconceitos fatais, que a nobreza e a monarquia aprovaram sempre para lançarem a sianza entre as classes oprimidas.

— Mas não são essas as opiniões do pai de Carlos. E dessa diferença no modo de pensar dos dois cunhados resultou um rompimento entre eles.

— E verdade, acudiu neste ponto a esposa Lebrenn, confidente ingénua e simpática do amor de seu filho,

BELTRÃO, LIMITADA

Rua da Madalena, 151, 1.º — Telef. C. 3029 — Lisboa

Novas baixas de preços para descongestionamento dos nossos enormes stocks.

ROUPA PARA SENHORA	ROUPA PARA HOMEM
Parures em finíssimo opal, branco e de cores, lindamente bordadas à mão:	Camisas em óptimo percal alisaciano, de lindos desenhos, com 2 colarinhos, aos preços de 100\$00, 20\$00 e.....
Camisa de dia.....	24\$00
Combinação.....	44\$00
Calça.....	21\$00
Em bom paño branco inglês, com barras de cor, em opal, ricas de ajuaré, lindamente bordadas à mão:	Camisas em popeline branco ou creme, com 2 colarinhos aos preços de 33\$00 e 40\$00
Combinação.....	10\$00
Calça.....	10\$00
Gravatas, desde.....	15\$00
Suspens.rios, desde.....	46\$00

Grande saldo de retalhos de popelines, zefires, crepes e percais

Até ao fim do ano, nas compras superiores a 500\$00, cinco por cento de desconto!!! O verdadeiro bonus!!!

Depois de se terem informado dos preços da concorrência, visitem a nossa fábrica mesmo só a título de verificação.

O AUTOMÓVEL SÓ ERA ACESSIVEL AOS RICOS

A Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

PROLETARIZOU-O

Por isso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxi "Citroën" (palthinha amarela) a qualquer outro

Telefones: Norte 5521 e 5523

Escrítorio e Garage: Rua Almirante Barroso, 21

NÃO COMPREM LIMAS OU GROZAS

sem consultar

a Empresa de Limas União Tomé Feteira, Lda.

Sede em VIEIRA DE LEIRIA

Fabrico mecânico de todos os tipos e dimensões, em franca concorrência com as melhores marcas estrangeiras

UNIÃO
Marca registrada

Fabrico mecânico de todos os tipos e dimensões, em franca concorrência com as melhores marcas estrangeiras

EXPERIMENTAR É ADOPTAR

Visitem a nossa agência em Lisboa

Travessa do Fala Só 9-B

TELEF. N. 3415

COOPERATIVA FABRIL NAVAL

Comissão de Beneficência da Freguesia de Santa Catarina

Convocação

De harmonia com as disposições do Estatuto, são convocados a reunir, em assembleia geral extraordinária, os sócios desta Cooperativa, na sua sede, edifício da Cantina, no Cais do Sodré, no próximo dia 22 de Outubro, pelas 21 horas. 2.ª Convocação, no dia 24 de Outubro, às 12 horas. 3.ª Convocação, no dia 31 de Outubro, pelas 21 horas.

Ordem de trabalhos

1.º Discutir e votar o relatório da Comissão de Inquérito, os actos da Direcção de 1925, e bem assim, o relatório moral, da mesma Direcção e Parecer do Conselho Fiscal.

2.º Apreciar e resolver sobre uma proposta para aumento de gratificação ao director gerente.

3.º Apreciar e resolver a situação dos sócios suspensos.

Lisboa, 14 de Outubro de 1926.—O Presidente da Mesa.

(a) Raúl de Almeida

AVISO

Convoco a assembleia geral para apresentação e discussão do Relatório e Contas da gerência do ano económico de 1925 a 1926.

1.ª Convocação, no dia 24 de Outubro, às 12 horas. 2.ª Convocação, no dia 31 de Outubro, às 21 horas.

Lisboa, 15 de Outubro de 1926.—O Presidente, Henrique Afonso Pires.

FABRICA

endrilhos, moscas, ovaleiros, cimento

GOARMON & C.º

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19

— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

Lide o Suplemento de "A Batalha"

Livraria de A BATALHA</

A BATALHA

Povo trabalhador: não te esqueças de que "A Batalha" atravessa uma situação difícil!

Tese a apresentar ao Congresso Nacional dos Operários da Indústria de Alimentação

A introdução da Maquinaria na Indústria de Panificação

De todos os importantes problemas que preocupam a mentalidade humana, e principalmente a mentalidade operária, existe um que, pela sua especial importância, deve merecer a nossa especial atenção, visto que em volta dele gira o bem-estar presente e a emancipação futura da humanidade.

A introdução da máquina nas indústrias, eis o assunto em debate em todas as classes operárias.

Não estamos já no tempo em que os operários perseguiam o inventor da máquina. E' que já existe uma concepção social que guia o operário no caminho fecundo do progresso humano, e que domina em certos casos.

A máquina é, em todas as indústrias, olhada com certo ódio porque o operário ainda vê nelas o seu concorrente, embora deseje o seu funcionamento, de modo que lhe favoreça os braços.

Não há, decerto, operário algum que possa admitir a possibilidade de acabar com os combóios, com a viação elétrica, as carreiras marítimas a vapor para regressarmos novamente à tração animal e aos navios de vela.

Depois, o mundo tem marchado para a perfeição, impulsionado no caminho da evolução pelas leis naturais da Vida, e o Progresso, que é o grande deus bondoso e complacente, abraça e arrasta consigo até os que o odeiam, os que o detestam. Hoje, fôrçoso é; confessá-lo, a vida é mais bela, mais atraente devido ao progresso.

E' certo que o operariado tem ainda uma mentalidade atrasada, em rega das suas necessidades de vida, não é, contudo, já o operariado de há um século. E, estando scientificamente demonstrado que a máquina traz à humanidade uma muito maior soma de bem-estar, não podem os operários, nem os seus organismos de classe, repudiar a máquina. Não. Tal seria um êro, que já não é próprio da nossa época. A máquina pode aperfeiçoar-se sempre, cada vez mais, sem que necessite parar por não haver necessidades a satisfazer. E' que cada novo invento, cada novo aperfeiçoamento na máquina, cria sempre novas necessidades, traz sempre à vida uma nova particular de beleza da qual ela não pode separar-se.

Assim como o pensamento humano já-mais pode chegar ao fim, jamais pode sentir-se satisfeito e deixar de laborar-se sempre assim, as necessidades do homem podem encontrar um «terminus». Estas simples considerações estão, é claro, ao alcance de todos que querem ter o trabalho de raciocinar um pouco.

E porque assim é, a guerra à máquina seria uma loucura se, porventura, alguém pensasse em tal, seria uma luta inglória, que daria uma triste ideia do seu grau de inteligência.

Depois, é bom que vejamos, que todos os operários vejam que o prejuízo real da máquina é sempre menor do que à primeira vista parece.

A máquina, antes de entrar a porta da fábrica ou da oficina, pronta a substituir um operário, já deixa trabalho a alguns outros operários; e o seu funcionamento é, também, uma garantia de trabalho aos operários da metalurgia. O que a máquina vem a fazer à oficina e à fábrica, é sempre uma pequena revolução, porque, se bem que se não os factos já apontados, dissem, também, a disponibilidade dos braços que ela vem substituir, que ela está sempre substituindo em todas as indústrias.

Daqui, porém, a grande legião de desempregados que procuram inutilmente empregar os seus braços, vendo-se por isso reduzidos a miséria, sem a garantia do pão indispensável à vida. Ora, a máquina, é produto do esforço da colectividade — nela se encontra concentrado o trabalho do cérebro e do braço, a cooperação de muitas profissões, artes e ciências. Não há, na vida, que represente o esforço de um só homem. Tudo, absolutamente tudo, desde a mais científica descoberta até ao mais insignificante utensílio, representa esforço colectivo.

E, por isso, sem reforçarmos o nosso critério com quaisquer considerações de ordem sociológica, basta-nos o peso deste irrefutável argumento para concluirmos que também a máquina deve trabalhar, unicamente exclusivamente, para bem da colec-

A reforma da instrução

esqueceu os direitos dos humildes e prejudicou legítimas regalias

Muitos daqueles que os meus artigos leem e que têm conhecimento da espécie de serviço que nesta deficiente organização estatal desempenha, decerto terão julgado que a forma como finalmente da nova reforma da instrução secundária me ocupou a isso um tanto obedece. Quem sabe mesmo num meio corrompido como o nosso em que tudo se desvirtua e maldis, quantos não terão visto nisso mais o interesse pessoal que o interesse colectivo, pelo qual de há muito me bato e continuarei a bater.

No entanto, a alguns dêses, se não há maioria, poderia eu mostrar o reverso da medalha, ou seja precisamente o contrário, isto é, que só ao de leve toco nesse assunto e não com aquela facilidade com que o poderia e deveria mesmo tratar, porque dele depende e porque ele me prejudicou; de contrário, em vez de só falar da parte financeira, naquela parte, em que pelo capricho ou vontade de alguns, foi prejudicada uma multidão, iria até à parte pedagógica.

E' facto, que várias vezes e nas colunas de *A Batalha*, isso tem sucedido, eu tenho advogado a reforma dos serviços públicos, mas feita pelos técnicos, pelos competentes, e, como tal, vedado me está imiscuir-me nesta última parte da reforma, uma vez que nem sou técnico, nem sequer do *metier*, pois ocupo, na instrução uns dos lugares mais secundários ou inferiores; mas assim mesmo, e com a facilidade com que um outro indivíduo se encontra apto a ser ouvidos aos profissionais a engendrar reformas, e ormas a também eu poderia meter foice em ceara alceia, isto é, a condonar aquilo que tenho por nocivo e combatêr deficiências que só um cego não vê e um paralítico não pode apontar.

A parte pedagógica da reforma que aos competentes já tem merecido vastos reparos, não pode, portanto, ser por mim apreciada na presente ocasião nas colunas de *A Batalha* como necessário era que o fósse, visto que um assunto dum tal importância importa tanto ao proletariado, como a parte intelectual do país; mas essa apreciação só pode partilhar daqueles de quem a minha situação depende, porque partindo de mim seria quase um sacrilégio que já-mais seria perdoado, como perdoado não seria o facto de eu dizer um erro crassos a função contrária a todas as indicações pedagógicas que aos gabinetes parece destinar-se; gabinetes como os de Física, Química e Ciências Naturais que lá fôr, ontem de tudo se procura para cá dentro se manter, estão tendo um desenvolvimento e um aperfeiçoamento em tudo digno das manifestações científicas que a humanidade de ultimamente tem operado.

Ainda se a conta de economia se pudesse ter o facto indicado, ou seja a diminuição que alguns sofreram, ainda até certo ponto se compreenderia de mais quando ela como tudo indica começasse por cima, mas não, pois que ao mesmo tempo que se corta o vencimento e se diminuem as regalias, aumentam-se os quadros do pessoal menor e criam-se logares que nem ninguém justifica.

Argumenta-se com um parágrafo para se dizer que ninguém fica a perceber menos do que até então recebia, mas isso é um argumento falho de consistência, visto que o citado parágrafo apenas se refere a vencimentos e as gratificações dadas por um trabalho não pago não eram vencimento, e além disso, ainda que assim fosse sempre o funcionário seria o prejudicado para efeitos de reforma, e isso creio a ninguém ser simpático, nem ninguém aceitar como bom.

Mas não será só aqui que existiria o defeito de crítica, porque ele iria mais longe, até a poder reclamar do Estado, a facultade de todos se poderem instruir, tanto o rico como o pobre, e tanto o pobre como o remediado.

O pobre muitas vezes por falta de proteção do Estado deixa de ser um habil engenheiro, um explêndido médico e um bellissimo advogado. Curou a reforma destas pequenas coisas? Não. Para os pequenos, apenas isto: um corte de regalias para uns e uma baixa de vencimentos para outros.

VIDA SINDICAL

Câmara Sindical do Trabalho ■ ■ ■ DE LISBOA ■ ■ ■

Comissão Instaladora

Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão instaladora.

Comissão de Estudo da Crise e Horário de Trabalho

A comissão da crise e horário de trabalho reúne também hoje, às 21 horas.

Lembra esta comissão a todos os sindicatos que ainda não enviaram o seu parecer sobre crise e horário de trabalho e forma de a debelar, que o façam o mais breve possível para que esta comissão se possa despedir do cargo para que foi nomeada.

COMUNICAÇÕES

Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares - Comissão de organização

— Reuniu de novo esta comissão, expedindo os convites às direções dos sindicatos gráficos locais, para a reunião do dia 22 às 21,30 horas, em que se detalharão os aspectos sob os quais se devem realizar os trabalhos, devendo, para que se realize um trabalho completo, comparecerem todos os membros das mesmas.

Apreciam detidamente o estado caótico da organização local, por motivo da sua disseminação, a necessidade de uma casa comum, o funcionamento a estabelecer para os comitês de oficina e conselho técnico, os trabalhos para aumentar os efeitos sindicais, etc., problematizam estes que levaram à dita reunião e para os quais chama a especial atenção de todos os militantes gráficos, no sentido de conseguir equivar a classe, como se para equiparar a classe fosse necessário descer em lugar de subir. Outros ainda a quem foi cortada uma pobre gratificação que, por um serviço especializado, lhe tinha sido concedida, como se tudo isto fosse lógico, fosse democrático e fosse humano. Não sei quem poderia ou deveria ter influído para que o ministro chegasse a tal conclusão, mas, no entanto, não me repugna crer que foi algum daqueles individuos a quem o fôrme atacou a lar, de contrário, saberia quanto conveniência temos em seguir a máxima protestante: «Faz aos outros o que queres que te façam a ti».

A diminuição dum ou outro provento na presente ocasião, a este ou aquele indivíduo, sómente se pode aceitar como um síntoma dos tempos que vão correndo, tanto mais que não é apenas entre nós e no mundo oficial que isso sucede, é por todos os cantos da Europa onde o Deus dinheirero é ainda o rei e o grande dominador, pois que uma ofensiva geral de harmonia com um movimento fortemente conservador se desencadeou e nesse sentido tem actuado, mas note-se, não creio isso um motivo de desalento, nem sequer de desântimo, quando muito será apenas como um compasso de espera tão necessário ao progresso como o desbravar do terreno ao caminhar da locomotiva.

Para continuação dos trabalhos e apresentação do parecer a apresentar à reunião das comissões, reúne de novo, com representantes do secretariado federal, na próxima quinta feira, 21.

Litógrafos e anexos. — Reúniram em assembleia geral, tendo-se constatado a compariência dos elementos activos que andavam afastados por questões de melindre pessoal, afirmando a sua vontade em contribuir para que a sua classe saia da incerteza em que vivido nestes últimos tempos.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil. — Sendo conveniente para este organismo fazer uma nova inscrição de associados sem trabalho dos Sindicatos dos Arredores adherentes a esta Boisa, pede este organismo a esses sindicatos que enviem o mais breve possível os nomes desses camaradas e ficando esses organismos com inscrição aberta e enviando as semanas as listas com os nomes dos mesmos delegados.

CONVOCAÇÕES

Assembleia geral de Propaganda Sindical do Alto do Pino.

— Reuniu extraordinariamente para apreciar a resposta dada pelo general de divisões, que não autoriza que se realize no dia 17 o comício contra a carestia da vida.

Conselho administrativo. — Secretário geral, Manuel Lopes Canha; secretário adjunto, Alfredo de Sousa; secretário administrativo, Mário Rosado Domingues; tesoureiro, Alberto Barros; bibliotecário-arquivista, José Dias; Suplentes: António Oliveira, Eduardo Lopes Júnior, António Severino, Augusto de Sousa e Jaime Galvão.

Conselho fiscal. — António Antunes Conceição Agostinho, Francisco de Sousa e Homero Ramalhal. Suplentes: Rúben Pestana, Eduardo da Costa Ferreira e Viriato Simões.

Comissão Mista de Propaganda Sindical do Alto do Pino. — Reuniu extraordinariamente para apreciar a resposta dada pelo general de divisões, que não autoriza que se realize no dia 17 o comício contra a carestia da vida.

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil. — Sendo conveniente para este organismo fazer uma nova inscrição de associados sem trabalho dos Sindicatos dos Arredores adherentes a esta Boisa, pede este organismo a esses sindicatos que enviem o mais breve possível os nomes desses camaradas e ficando esses organismos com inscrição aberta e enviando as semanas as listas com os nomes dos mesmos delegados.

REÚNEM-SE HOJE:

S. U. Metalúrgico. — Secção do Alto do Pino.

— A comissão reorganizadora, pelas 20 horas, com a compariência de todos os componentes.

Manufactores de calçado.

— Pelas 21 horas, em assembleia geral, para continuação dos trabalhos pendentes.

S. U. da C. Civil. — Secção profissional dos pedreiros.

— Esta secção convoca a comissão administrativa a reunir pelas 20 horas, para tratar de assuntos importantes, pedindo a compariência de todos os camaradas.

S. U. Mobiliário.

— Pelas 21 horas, com a cobrança pedida.

DIAS PRÓXIMOS

Federação Corticeira Nacional.

— Reúne amanhã pelas 11 horas o conselho federal deste organismo, na sua sede em Mutele, para assuntos importantíssimos.

E' indispensável a compariência de todos os delegados.

Federação Metalúrgica. — Conselho Federal.

— Por falta de número de delegados não reuniu ontem o conselho federal, ficando novamente marcado para terça feira, pelas 21 horas.

Os delegados devem ter em atenção a urgência dos assuntos a tratar, pelo que não devem faltar, sob pena de se protelar indefinidamente o desenvolvimento da organização metalúrgica.

S. U. Metalúrgico. — Reuniem na próxima segunda feira, em conjunto, as comissões administrativas da central e da Secção de Belém, para tratar dum assunto importante.

Pintores da Construção Naval e Anexos. — Realizam-se amanhã a assembleia geral, pelas 14 horas para assuntos de grande importância e apreciação da circular da Câmara Sindical do Trabalho para o congresso que se realiza no fim do corrente mês.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Federação. — Secretariado Internacional Provisional.

— Reúne hoje, pelas 20 horas.

Núcleo de Lisboa. — Secção de Belém.

— Reúne amanhã domingo, pelas 10 horas da manhã, o secretariado seccional conjuntamente com a comissão de inquérito, sendo imprescindível a compariência de todos os delegados.

Núcleo do Pórtio.

— A comissão de educação e propaganda, para tratar de assuntos a tratar, deve reunir-se.

Tomou conhecimentos dos vários assuntos que correm pelo sindicato, referentes a suas atribuições.

Vai esta desenvolver uma intensa acção junto de toda a classe litográfica no sentido de a levantar da incerteza em que a temos constatado há uns tempos a esta parte.

Foi resolvido que no caso dessa comissão se acham insuficientes os elementos que a compõem, agregue-se a si que forem necessários para o desempenho da sua missão.

Comissão de Educação e Propaganda. — Conforme as resoluções da última assembleia geral reuniu ontem esta comissão para assentar os trabalhos a realizar.

Tomou conhecimentos dos vários assuntos que correm pelo sindicato, referentes a suas atribuições.

Vai esta desenvolver uma intensa acção junto de toda a classe litográfica no sentido de a levantar da incerteza em que a temos constatado há uns tempos a esta parte.

Assim as suas primeiras resoluções serão tendentes a acabar com as várias anomalias que se têm constatado — ou seja haver indíviduos que ocupam lugares nas várias casas da especialidade e no Estado.

Adento deste critério vai encetar várias negociações junto das entidades a quem estão atribuídos tais direcções a fim de que esses indivíduos ou optem por um, ou por outro lugar. Aprecia o desrespeito ao horário de trabalho em várias oficinas e neste sentido vai actuar a fim de se acabar com tão criminoso abuso. Outros assuntos aprovou de carácter reservado os quais porá em prática logo que haja oportunidade.

Vai também estudar a reforma do estatuto fundamental da colectividade para em breve apresentar a uma reunião da classe.

Outros trabalhos da maior importância para a classe litográfica serão postos em prática a fim de torná-la digna do respeito dos industriais.

Os abusos que se têm constatado nestes últimos tempos têm que acabar para dignificação daqueles que presam a sua profissão.

Esta comissão disposta a encetar um aturado e estudo trabalho a fim de que a classe marcar como classe organizada que é.

Aprecia a greve dos camaradas da litografia Nacional do Pórtio mais conhecida pelos *Sois*, resolveu aconselhar a classe a que não caiá no lôgo de ir para esta casa trabalhar, pois que deve, e tem obrigações, como querer a classe litográfica de Lisboa de demonstrar a classe senhoras potestados que a-pesar-de lutar com uma crise pavorosa, não está disposta

a ser traída aos dignos camaradas do Pórtio que lutam contra tão hipócritas carascos da sua dignidade profissional.

A-pesar de sermos fracamente organizados, sabemos dar